

ENTRE A ALMA DIVIDIDA E A HÍBRIDA: MEMÓRIAS DE MIGUEL TORGA E DE ROBERTO LEAL SOBRE A IMIGRAÇÃO NO BRASIL

Mario Luis Grangeia

Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

Este artigo analisa representações da imigração portuguesa no Brasil nos ensaios de Miguel Torga (1907–1995) e na autobiografia de Roberto Leal (1951–2019). A partir de uma abordagem qualitativa contrastiva, examina-se como dois mediadores culturais, situados em campos distintos — a literatura e a cultura de massas — elaboram memórias migratórias e formas divergentes de pertença transnacional. O objetivo é compreender de que modo essas narrativas transformam experiências individuais de deslocamento em regimes públicos de representação da condição migrante, articulando memória, identidade e mediação cultural no espaço luso-brasileiro. Torga, emigrante para o Brasil na juventude, narra a experiência brasileira como maturação e fratura durável da subjetividade, configurando uma “alma dividida”. Leal, emigrado para o Brasil aos 11 anos, constrói uma narrativa de reinvenção, mediação cultural e negociação da pertença, delineando uma “alma híbrida”. Em diálogo com Eduardo Lourenço (1992, 2001), Stuart Hall (2003), Homi K. Bhabha (1994/1998), Rogers Brubaker e Frederick Cooper (2000) e Néstor García Canclini (2010, 1989/2015), o artigo trata textos autobiográficos e ensaísticos como fontes culturais e performativas, nas quais a identidade migrante é produzida, narrada e disputada. A comparação permite compreender que a lusofonia não deve ser entendida como espaço naturalmente harmonioso, mas como campo atravessado por fraturas, estigmas, hierarquias simbólicas e negociações culturais, contribuindo para uma leitura crítica das memórias migratórias luso-brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE

imigração portuguesa, memória migratória, mediação cultural, diáspora, hibridismo

BETWEEN THE DIVIDED SOUL AND THE HYBRID SOUL: MEMORIES OF IMMIGRATION TO BRAZIL IN MIGUEL TORGA AND ROBERTO LEAL

ABSTRACT

This article analyses representations of Portuguese immigration to Brazil in the essays of Miguel Torga (1907–1995) and in the autobiography of Roberto Leal (1951–2019). Drawing on a comparative qualitative approach, it examines how two cultural mediators, situated in distinct fields — literature and mass culture — construct migratory memories and divergent forms of transnational belonging. The aim is to understand how these narratives transform individual experiences of displacement into public regimes of representation of the migrant condition, articulating memory, identity, and cultural mediation within the Luso-Brazilian space. Torga, who emigrated to Brazil in his youth, narrates the Brazilian experience as both a process of subject formation and a lasting fracture of subjectivity, configuring a “divided soul”. Leal, who emigrated to

Brazil at the age of 11, constructs a narrative of reinvention, cultural mediation, and negotiation of belonging, delineating a “hybrid soul”. In dialogue with Eduardo Lourenço (1992, 2001), Stuart Hall (2003), Homi K. Bhabha (1994/1998), Rogers Brubaker and Frederick Cooper (2000), and Néstor García Canclini (2010, 1989/2015), the article treats autobiographical and essayistic texts as cultural and performative sources in which migrant identity is produced, narrated, and contested. The comparison shows that Lusophony should not be understood as a naturally harmonious space, but rather as a field traversed by fractures, stigmas, symbolic hierarchies, and cultural negotiations, contributing to a critical reading of Portuguese-Brazilian migratory memories.

KEYWORDS

Portuguese immigration, migratory memory, cultural mediation, diaspora, hybridity

1. INTRODUÇÃO

A imigração portuguesa no Brasil, marcada por vínculos históricos duradouros e proximidade linguística, produziu um conjunto heterogêneo de subjetividades e formas de pertença. Este artigo examina como esse processo foi narrado por dois mediadores culturais emblemáticos — o escritor Miguel Torga (1907–1995) e o cantor Roberto Leal (1951–2019) —, cujas trajetórias, embora distintas, condensam tensões recorrentes da experiência migratória lusa no Brasil do século XX. Partindo da premissa de que migrar não constitui apenas deslocamento físico, mas uma arena de disputas simbólicas sobre reconhecimento, legitimidade e pertença, analisa-se como tais autores legaram regimes de representação contrastantes da identidade transnacional — entendidos como modos culturalmente situados de narrar, organizar e tornar inteligível a experiência migratória.

A escolha de Torga e de Leal é analítica e intencional. Ambos atuaram como mediadores culturais com ampla circulação pública — um na literatura, outro na cultura de massas. Por isso, as suas memórias funcionam como vias privilegiadas para observar como a migração é narrada e significada no espaço lusófono. A justaposição desses casos permite tensionar modos distintos de construir a pertença: a interiorização melancólica e reflexiva de Torga, na raiz da “alma dividida”, e a exteriorização performativa e negociada de Leal, que delineia a “alma híbrida”. Em conjunto, tais regimes de representação iluminam facetas complementares da migração. As representações analisadas, presentes em ensaios de Torga (1955/2016) e na autobiografia de Leal (2012), são tomadas como materiais privilegiados para apreender a formação de memórias, identidades e disputas narrativas sobre a imigração no Brasil.

O artigo é orientado pela seguinte questão: como é que Miguel Torga e Roberto Leal narram a experiência migratória portuguesa no Brasil e que regimes de representação da pertença transnacional emergem dessas memórias? Para responder a esta questão, privilegia-se a análise de memórias e autorrepresentações, sem perder de vista o contexto histórico da imigração portuguesa no Brasil. A originalidade do estudo reside na comparação entre uma figura consagrada da literatura portuguesa e uma figura da cultura de massas luso-brasileira, permitindo observar como diferentes posições no campo cultural produzem distintas formas de narrar a migração.

Nascidos no Norte de Portugal, em zonas rurais dos distritos de Vila Real e Bragança, Torga e Leal apresentaram olhares contrastantes da migração, moldados por seus respectivos contextos históricos. Tendo vivido em Minas Gerais, de 1920 a 1925, o escritor viu nela um processo longo de maturação, que culmina na formação de profundo dualismo interior, uma “alma dividida”, atravessada por inquietude e saudade melancólica. Leal, que se fixou com a família em São Paulo aos 11 anos, construiu uma narrativa de reinvenção marcada pela música e configurou o que aqui se denomina “alma híbrida”: “o Brasil me ensinou o samba, e eu ensinei os brasileiros a dançar o vira” (“Obrigado Brasil!”: Os grandes sambas na voz de Roberto Leal, 2014).

Como outros estrangeiros, os portugueses elaboraram memórias plurais e, por vezes, conflitantes das suas vivências migratórias no Brasil. A análise de relatos autobiográficos de artistas permite, por isso, aceder não apenas a experiências individuais, mas também a repertórios culturais que circulam publicamente e que contribuíram para produzir significados compartilhados sobre a imigração (Abadia et al., 2016). A ênfase nas memórias como registos que fixam aspetos imateriais das migrações amplia esta agenda de estudo para além de documentos oficiais, estatísticas e fontes institucionais.

O artigo articula três eixos teóricos. Primeiro, recorre a Eduardo Lourenço (1992, 2001) para compreender a saudade e a emigração como operadores centrais do imaginário português. Segundo, mobiliza Stuart Hall (2003) e Homi K. Bhabha (1994/1998) para analisar a identidade diaspórica e o hibridismo como processos de negociação e enunciação cultural. Terceiro, incorpora as críticas de Rogers Brubaker e Frederick Cooper (2000) à identidade como substância e as reflexões de Néstor García Canclini (2010, 1989/2015) sobre hibridismo, mediação e relações de poder. Esta articulação permite compreender a migração não como experiência homogênea, mas como prática discursiva situada em campos de prestígio, reconhecimento e circulação cultural.

O *corpus* principal é constituído por *Traço de União: Temas Portugueses e Brasileiros* (Torga, 1955/2016) e *As Minhas Montanhas: A Grande Viagem* (Leal, 2012). A *Criação do Mundo* (Torga, 1996) é mobilizada como fonte complementar para contextualizar a experiência juvenil de Torga no Brasil, enquanto materiais biográficos e fonográficos de Leal são usados de modo auxiliar para compreender a dimensão pública e performativa da sua mediação cultural. A leitura paralela destas fontes permite mapear modos distintos de lembrar, de representar Portugal e Brasil e de construir estratégias de autorrepresentação migrante. Nos seus respetivos campos de circulação, ambos produziram respostas simbólicas distintas à migração: Torga aludiu a ela como fratura subjetiva sob o signo da saudade e Leal viu-a como possibilidade de hibridismo e de reinvenção. Tal seleção justifica-se pelo papel de ambos como mediadores culturais: eles não só relataram vivências individuais, mas participaram da criação de imaginários coletivos sobre imigrações lusófonas. As suas memórias são adiante analisadas como construções discursivas que dão visibilidade a tensões e a negociações da identidade transnacional.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa contrastiva, centrada na análise interpretativa de textos autobiográficos e ensaísticos. A investigação desenvolveu-se em três etapas: (a) identificação de recorrências temáticas associadas a deslocamento, estigma, saudade, reconhecimento e pertença; (b) exame das estratégias de enunciação,

autorrepresentação e mediação cultural mobilizadas por cada autor; e (c) construção dos dois regimes analíticos — “alma dividida” e “alma híbrida” — em articulação com os debates sobre diáspora, hibridismo e identidade como prática. Esta estratégia não pretende estabelecer equivalência formal entre literatura ensaística e autobiografia, mas explorar o contraste entre dois modos de produção de memória migratória e de intervenção simbólica no espaço lusófono. Importa sublinhar que as expressões “alma dividida” e “alma híbrida” são categorias analíticas construídas para este estudo, e não descrições psicológicas dos autores. Designam regimes de representação: modos de converter a experiência migratória em narrativa pública, memória cultural e intervenção simbólica. A proposta de uma leitura crítica da imigração lusa no Brasil, a partir de dois mediadores culturais oriundos de campos distintos, busca contribuir para uma compreensão da identidade transnacional, desafiando narrativas harmonizadoras da lusofonia e evidenciando a migração como lugar de disputas simbólicas e negociações.

A estrutura do artigo reflete esse percurso. A secção 2 contextualiza o fluxo migratório Portugal-Brasil entre 1890 e 1960. A secção 3 analisa a “alma dividida” em Miguel Torga, enquanto a secção 4 examina a “alma híbrida” em Roberto Leal. A secção 5 discute como tais narrativas se articulam ao imaginário da migração, incorporando debates contemporâneos sobre identidade, diáspora e mediação cultural. A secção 6 compara sistematicamente os regimes de representação, indicando tensões e convergências. A secção 7 expõe as considerações finais, explicitando contribuições, limitações e desdobramentos para os estudos culturais e para o debate sobre a lusofonia.

2. FLUXO MIGRATÓRIO PORTUGAL-BRASIL NOS ANOS 1890–1960

A migração portuguesa para o Brasil constitui um fenómeno histórico de longa duração, marcado por diferentes ciclos e motivações, mas atravessado por continuidades estruturais que ajudam a contextualizar as narrativas analisadas neste artigo. Desde o século XIX, o Brasil destacou-se como principal destino da emigração portuguesa (Costa Leite, 2000), atraindo sobretudo populações oriundas do Norte e Centro de Portugal, frequentemente provenientes de meios rurais e com baixa escolaridade. No fim do século XIX e décadas iniciais do século XX, esse fluxo intensificou-se, impulsionado por fatores estruturais como a crise agrícola, a escassez de oportunidades económicas em Portugal e a perceção do Brasil como espaço de mobilidade social (Lobo, 2001). A emigração assumia dimensões tanto económicas quanto simbólicas, sendo frequentemente representada como projeto de ascensão individual, ainda que marcada por incerteza e precariedade.

Apesar da heterogeneidade das trajetórias, certos padrões tornam-se recorrentes. Muitos migrantes inseriram-se em atividades comerciais urbanas, sobretudo no pequeno comércio (Serrão, 1972), desenvolvendo redes que combinavam solidariedade entre conterrâneos e estratégias de integração no contexto brasileiro. Ao mesmo tempo, a condição de emigrante implicava uma posição ambivalente, situada entre a manutenção de vínculos com a origem e a necessidade de adaptação ao país de acolhimento. A partir da década de 1930, reconfigurações económicas e políticas em ambos os países alteraram o padrão migratório. Enquanto a crise de 1929 e novas restrições no Brasil limitaram a

entrada de estrangeiros, o Estado Novo português endureceu o controlo sobre as saídas. Apesar de o estatuto dos portugueses no Brasil manter-se ambivalente entre a inserção — favorecida por afinidades históricas e culturais — e a estigmatização, o quadro mudou drasticamente nos anos 1960. A partir de então, a emigração lusa redirecionou-se para o mercado de trabalho europeu, impulsionada pela procura de mão de obra na Europa industrializada. Como mostra Baganha (2003), a Europa passou a atrair 68% dos emigrantes portugueses na década de 1960, resultando numa contração do fluxo para o Brasil.

Mais do que fornecer um panorama exaustivo, este breve enquadramento permite situar as narrativas analisadas num contexto histórico em que a migração se configurava como experiência simultaneamente material e simbólica. É nesse quadro que se tornam inteligíveis as distintas formas de elaboração da pertença observadas nos casos em estudo, entre a memória da perda e a negociação de novos vínculos culturais. Os percursos de Torga e de Leal revelam precisamente esta ambivalência: a proximidade linguística e cultural entre Portugal e Brasil favoreceu formas de circulação e reconhecimento, mas não eliminou o estigma associado à origem rural, ao sotaque, à condição de classe e à representação coletiva do imigrante português. É nesse cruzamento entre afinidade simbólica e a desvalorização social que as suas memórias se tornam particularmente produtivas para pensar a imigração como experiência simultaneamente material, afetiva e cultural.

Este enquadramento evita uma leitura idealizada da relação luso-brasileira, frisando que o idioma comum e a história partilhada não suprimiram desigualdades sociais, hierarquias simbólicas nem formas de ridicularização do português pobre e rural no Brasil urbano. Esta tensão é decisiva, como se verá: ambos narram a migração a partir de marcas de estranhamento, ainda que as convertam em regimes de memória diferentes.

3. “ALMA DIVIDIDA”: MIGRAÇÃO COMO FRATURA EM MIGUEL TORGA

A vivência migratória teve centralidade na obra de Miguel Torga — pseudónimo de Adolfo Correia da Rocha (1907–1995). Foi evocada não como episódio biográfico circunscrito, mas como processo de formação e fratura durável da subjetividade. Entre 1920 e 1925, ainda jovem, Torga trabalhou na fazenda de um tio em Leopoldina (Minas Gerais). Essa vivência, narrada depois no romance autobiográfico *A Criação do Mundo* (Torga, 1996) e nos ensaios de *Traço de União* (Torga, 1955/2016), assumiu o estatuto de condição existencial marcada pela tensão entre deslocamento e pertença.

Em *A Criação do Mundo*, o contacto inicial com o Brasil é descrito como uma estranheza radical. O narrador recorda o choque de um menino que percebe que “nada do que aprendera em Agarez me servia ali. Nem os ninhos eram iguais” (Torga, 1996, p. 92). A emigração surge como uma experiência de dureza e descoberta, atravessada pela hostilidade do insulto nativista que animalizava o imigrante: “as desgraças do Brasil/eram duas, agora são três:/a formiga cabeçuda,/o italiano e o português” (p. 152). Ao voltar a Portugal, após cinco anos, a rutura interior foi irreversível; o “ingénio rapazinho” que partira morrera para dar lugar a um ser marcado pela descontinuidade. Essa marca seria reativada décadas depois, em 1954, durante uma viagem a São Paulo. Torga afirmou então que “o Brasil tatuara-se realmente na minha alma como uma tinta

indelével” (Torga, 1996, p. 596). A imagem da tatuagem sintetiza a sua conceção de assimilação: não como integração harmoniosa, mas como impregnação sensorial e afetiva incorporada quase involuntariamente. É nesse contexto que emerge, com maior nitidez, a representação da “alma dividida”. Para Torga, o emigrante vive “escanchado sobre o oceano”, com a subjetividade repartida entre o passado e o presente:

a alma dele ia-se dividindo, repartida entre o passado e o presente, escanchada sobre o oceano. O Novo Mundo era agora uma nova pátria embutida nos sentidos. Nada de raciocinado, de construído, de voluntário. Assimilação, apenas. Impregnação indelével de tatuagem. (Torga, 1955/2016, pp. 39–40)

Tal cisão é tanto espacial (Portugal e Brasil) quanto temporal e sensível. O Brasil aparecia como espaço de intensidade, improvisado e exuberância vital; Portugal, como lugar de contenção, disciplina e sedimentação reflexiva. “Esse dualismo interior mortifica-me o coração. Torna-me inseguro e vulnerável” (Torga, 1955/2016, p. 89).

Torga abordou essa fratura justapondo imagens: a Ursa Maior e o Cruzeiro do Sul, ipê e rosmaninho, o Douro e o Paraíba. No migrante, “convivem na mesma carcaça dois seres opostos. Um, europeu, de medidas greco-latinas; outro, americano, anárquico e transbordante” (Torga, 1955/2016, p. 89). Nenhum prevalece definitivamente. Essa impossibilidade de síntese aproxima a narrativa do que Stuart Hall (2003) descreve como “identidade diaspórica”: não uma essência estável, mas uma posição construída através da diferença e da descontinuidade, na qual o sujeito nunca coincide plenamente consigo mesmo. No caso de Torga, esta não coincidência é reforçada por uma poética do estrangeiro e do deslocamento já assinalada pela crítica à sua obra diarística e memorialística (Gago, 2008). A identidade, nesse enquadramento, não resolve a fratura — ela a incorpora como condição constitutiva. Em Torga, porém, essa condição não é apenas analítica, mas ética: a divisão não se negocia, preserva-se.

Na conferência “O Drama do Emigrante Português” (Torga, 1955/2016), Torga lamentou esse drama ainda estar por escrever e criticou autores do século XIX, como Eça de Queiroz e Camilo Castelo Branco, por não alcançarem o âmago da questão, presos ao pitoresco ou à caricatura. Falando como antigo migrante, descreveu um trajeto marcado por “contraditórias sensações”: primeiro, o choque com a natureza hostil e os atritos sociais; depois, uma saudade incurável da vida intensa deixada para trás.

Na meninice, uma ancestralidade aflita, diante de formas, costumes e comportamentos inusitados; na idade madura, a saudade incurável dessa vida rica de peripécias, larga, quente, generosa, sem regras nem medidas! (...) agora, esse mesmo ser humano, que aumentou o seu pecúlio de experiências, que alargou os seus horizontes espirituais, a lutar dentro da antiga pele onde já não cabe. (Torga, 1955/2016, p. 89)

Ao enfatizar a “saudade incurável” — que ele define como “exceção biológica” e “permanente inquietação” —, Torga radicaliza a ambivalência identificada por Lourenço (1992). Se este aponta a tendência do imaginário luso em valorizar a dor da partida,

Torga converte tal dor em elemento ético. O emigrante torguiano gemeria por Portugal no Brasil, e vice-versa, condenado a uma “solidão irremediável de um lado ou de outro do mar” (Torga, 1955/2016, p. 97). Dessa forma, a memória da migração em Torga não se limita a um testemunho individual; ela participa da construção de um regime de representação centrado na fratura. Ao recusar o hibridismo conciliador, a sua escrita transforma o deslocamento em forma de resistência subjetiva, na qual a identidade se organiza em torno da distância intransponível entre a origem e o destino.

A migração, para Torga, não se reduz a uma rutura superável no tempo. Ela é durável, como uma vacina que deixa na pele uma marca permanente, muito distinta da nostalgia apaziguadora. Ao abordar a migração nesses termos, o escritor legou uma memória que ultrapassou o relato individual e se projetou como uma interpretação histórica da condição migrante. A fratura da identidade, a saudade melancólica e a inquietude contínua não são meras figuras literárias, mas modos de dar forma e inteligibilidade à experiência migratória no Brasil.

A força concetual desta leitura reside precisamente em transformar uma experiência biográfica numa forma cultural. Torga não se limita a descrever apenas o que viveu; produz uma gramática da emigração entendida como um desajuste permanente. Nessa gramática, a saudade deixa de ser sentimento privado para atuar como operador narrativo capaz de organizar hierarquias entre origem e destino, memória e pertença.

4. “ALMA HÍBRIDA”: MIGRAÇÃO COMO REINVENÇÃO EM ROBERTO LEAL

A experiência migratória também teve lugar estruturante na trajetória de Roberto Leal (1951–2019), mas foi elaborada em chave distinta da de Torga. Nascido em Vale da Porca (Trás-os-Montes) e emigrado aos 11 anos, Leal constrói, em *As Minhas Montanhas: A Grande Viagem* (2012), escrita com a sua esposa Márcia Lúcia Fernandes, uma narrativa em que o deslocamento não se traduz em fratura durável, mas em processo de recomposição identitária mediado pela cultura de massas.

Ao chegar a São Paulo, Leal lidou com adaptações, privações e estigmas nos anos 1960. A memória da infância regista a sensação de vulnerabilidade e episódios de hostilidade, como insultos e troças que vincularam o português ao atraso e à ignorância:

eu não gostava de ser motivo de risadas. Aliás, eu odiava quando nos chamavam de “morruga”, “pois-pois” e até de “bacalhau” ou zombavam de nós por causa do sotaque. Na verdade, queria morrer quando faziam piadas sobre o nosso povo... Muita gente confundia nossa inocência da aldeia com estupidez. Confundiam nossa pureza com ingenuidade de espírito. Confundiam nossa linha de raciocínio, mais linear e não dedutiva, até por respeito ao raciocínio do outro, com falta de inteligência. (Leal, 2012, p. 152)

A experiência inicial, como em Torga, é atravessada pela diferença e pelo conflito; mas, ao contrário do escritor, a sua resposta desloca a experiência para a performance. A migração familiar constituiu um recurso central de mediação da vulnerabilidade. A confiança nas decisões do pai e a coesão do núcleo doméstico funcionaram como

estratégias de adaptação e sobrevivência em ambiente inicialmente hostil, evidenciando o papel das redes familiares transnacionais na gestão da precariedade.

Leal iniciou a profissionalização na música no programa de televisão *Portugal no Mundo*, até desejar trocar a música lusa tradicional por uma com a “alegria da Jovem Guarda e dos Beatles, o visual de um Elvis Presley, a sonoridade dos Rolling Stones” (Leal, 2012, p. 174). A guinada trouxe-lhe popularidade via rádio e televisão, sobretudo ao atualizar, a seu modo, a música folclórica “Arrebata” no programa de Chacrinha em 1971. No dia seguinte, um casal português abordou-o no Rio de Janeiro com uma frase que ficou emblemática da recepção pública: “você é o nosso Portugal como nunca vimos na televisão do Brasil!” (Leal, 2012, p. 251). O comentário cristalizava uma operação de tradução cultural cara à sua carreira. Desejoso de falar a dois povos, passou a gravar canções que tematizavam a experiência migrante, como “Canções do Meu País” (“não se sabe o que virá/o lar não esquece um instante”; Leal, 1980) e “Quem Somos Nós” (“E estrangeiro eu fui pra sempre, nunca tive o meu lugar”; Leal, 2022).

Ao reunir sonoridades da tradição portuguesa e da música brasileira — da Jovem Guarda ao samba —, Leal converteu a condição migrante em recurso expressivo. Daí a sua afirmação, já citada: “o Brasil me ensinou o samba, e eu ensinei os brasileiros a dançar o vira” (“Obrigado Brasil!”: Os grandes sambas na voz de Roberto Leal, 2014). Tal dinâmica aproxima-se do que Bhabha (1994/1998) denominou “terceiro espaço”: não um lugar de síntese harmoniosa, mas de negociação ambivalente, no qual identidades são produzidas na tensão entre reconhecimento e estereotipação, tradução e simplificação. Nesse espaço, Leal não é apenas português nem brasileiro, mas mediador. A sua identidade torna-se performativa — construída no palco, nos média e na circulação cultural. A condição migrante deixa de ser apenas vivida e passa a ser encenada, reinterpretada e convertida em capital simbólico. Também aqui a leitura de Hall (2003) ilumina o processo: a identidade diaspórica é continuamente rearticulada. Em Leal, essa rearticulação assume uma forma afirmativa — a diferença não é vivida como fratura, mas como recurso expressivo.

Um momento-chave da narrativa é a ida a Portugal em 1978, já como artista consagrado no Brasil. Diferentemente de Torga, cujo retorno reforçou a consciência da perda, Leal viu esse regresso como “vingança” simbólica pelas privações da infância. O êxito material e a visibilidade pública funcionam como vias de reinscrição do passado migrante, alterando a experiência de exclusão em afirmação.

Vingamo-nos, às vezes, de pequenas coisas que atormentaram nosso universo infantil, mas que deixaram marcas pela vida fora. Vingamo-nos da vida, da falta de perspectiva que nos rondou e que acabou por nos expulsar da nossa própria terra. Então, a vingança é justamente por isto, para provarmos ou tentarmos provar para nós mesmos que valeu a pena termos deixado o bem mais precioso que alguma vez já tivemos ou teremos em nossas vidas: o nosso chão, o nosso lar. Quanto maior a saudade, quanto maior o esforço que se fez para se adaptar à nova terra, quanto maior o sofrimento da separação dos entes queridos, tanto maior será a vingança,

tanto mais espalhafato faremos, para justificarmos a loucura que fizemos um dia... (Leal, 2012, pp. 320–321)

A exteriorização do percurso migratório constitui o núcleo da “alma híbrida”: a migração é elaborada não como cisão interior, mas como negociação visível entre formas de pertença. Essa alternativa à interiorização melancólica transforma a experiência migratória em performance pública e em busca de reconhecimento — ainda que a visibilidade não elimine tensões.

A receção da sua obra ilustra essas ambiguidades: amplamente reconhecido no Brasil, Leal enfrentou resistências em Portugal, onde a sua imagem foi por vezes associada a estereótipos considerados pouco representativos. A sua trajetória evidencia, assim, os limites e as condições da tradução cultural na cultura de massas, em que a valorização simbólica pode coexistir com simplificações. Nesse contexto, a identidade emerge menos como herança do que como prática, continuamente rearticulada na intersecção entre códigos culturais. Ao converter a condição migrante em performance — musical, mediática e autobiográfica — Leal produz uma forma de pertença construída no trânsito. A expressão “estrangeiro em sua terra” condensa esse desajuste produtivo, no qual integração e diferença não se anulam, mas se reconfiguram mutuamente.

Dessa forma, a sua memória migratória configura um regime de representação baseado na negociação intersticial e na performance. Em contraste com a interiorização torquiana da fratura, Leal transforma a migração em visibilidade, negociação e reinvenção pública da pertença — tornando-se exemplar de tensões que atravessam a experiência migratória portuguesa no século XX, entre integração e estigma, reconhecimento e ambivalência. Essa ambivalência, central à teoria de Bhabha (1994/1998), evidencia que a mediação cultural não dissolve hierarquias ou tensões, mas as reinscreve sob novas formas. A cultura de massas permite observar como a portugalidade migrante se torna produto cultural, mas também espaço de negociação identitária. Nesse cenário, o estigma ligado ao imigrante rural — historicamente ridicularizado no Brasil urbano — é estrategicamente ressignificado como marca de autenticidade popular. Ao hiperbolizar traços do folclore e do sotaque em sua performance, Leal converte uma origem outrora desvalorizada em capital simbólico comercializável, atendendo a uma demanda de mercado por nostalgias consumíveis. Assim, a indústria cultural não dissolve hierarquias da imigração lusa no Brasil, mas as reinsere em um regime de visibilidade onde o deslocamento e o “estranhamento” se tornam ativos de entretenimento massificado.

5. MEMÓRIA, IDENTIDADE E MEDIAÇÃO CULTURAL

A comparação entre Torga e Leal permite problematizar a imigração portuguesa no Brasil para além de uma narrativa linear de integração ou de continuidade lusófona. A proximidade linguística entre Portugal e Brasil não impediu a experiência do estranhamento, do estigma e da negociação de pertença. Ao contrário, é precisamente porque a afinidade cultural parecia presumida que as fraturas e ambivalências se tornam mais visíveis nas memórias dos dois autores.

Em Eduardo Lourenço (1992, 2001), a emigração portuguesa surge como uma das imagens morais da nação, frequentemente organizada em torno da saudade, da partida e da perda. A leitura de Torga confirma esta matriz, mas também a radicaliza. A saudade não aparece apenas como nostalgia da origem; torna-se um operador simbólico que organiza a subjetividade migrante em torno da impossibilidade de síntese. A “alma dividida” não descreve, portanto, uma essência do emigrante, mas um regime narrativo que transforma a experiência brasileira em marca permanente de descontinuidade.

A crítica de Brubaker e Cooper (2000) à identidade como categoria substancial ajuda a evitar uma leitura essencialista desta divisão. A “alma dividida” deve ser entendida como categoria de prática e de representação: um modo culturalmente situado de narrar a migração, reivindicar uma posição e dar forma à experiência. Em Torga, a identidade é menos uma forma de pertença resolvida do que uma tensão persistente entre memória, origem e deslocamento.

Em Leal, a pertença migrante organiza-se de modo distinto. A sua narrativa desloca a fratura interior para o espaço público da performance. O cantor transforma a diferença cultural em linguagem mediatizada, combinando referências portuguesas e brasileiras para se tornar reconhecível junto de públicos diversos. A “alma híbrida” não deve, contudo, ser lida como fusão harmoniosa. À luz de García Canclini (2010, 1989/2015), o hibridismo é também negociação assimétrica, trabalho de tradução cultural e resposta a mercados, estereótipos e regimes de autenticidade.

A noção de “terceiro espaço” de Bhabha (1994/1998) é útil para compreender esta operação. Leal atua num lugar intersticial: é português no Brasil, mas torna-se também intérprete de uma portugalidade adaptada ao imaginário brasileiro. A sua mediação cultural produz reconhecimento, mas não elimina ambivalências. A receção da sua obra, marcada por popularidade no Brasil e por reservas em Portugal, mostra que a visibilidade pública pode coexistir com simplificação, exotização e disputa de legitimidade.

Assim, Torga e Leal permitem complexificar o conceito de “identidade diaspórica”, formulado por Hall (2003). Em ambos, a identidade é processo e posicionamento; em nenhum caso ela é simples herança. Contudo, esse processo assume formas diferentes: em Torga, a não coincidência identitária é interiorizada como fratura; em Leal, é exteriorizada como performance e mediação. A comparação mostra que a experiência migratória é vivida, narrada e produzida em condições culturais específicas. Deste modo, o imaginário da migração Portugal-Brasil emerge como campo de disputas simbólicas. As memórias analisadas desafiam a ideia de uma lusofonia naturalmente harmoniosa: a partilha da língua não anula diferenças de classe, estigmas, assimetrias culturais ou tensões entre reconhecimento e pertença. Pelo contrário, estas memórias revelam que a lusofonia é um espaço de circulação, mas também de hierarquização, tradução e conflito.

O contributo do artigo situa-se, portanto, no cruzamento entre memória, cultura e poder simbólico. Nesse enquadramento, as narrativas são mobilizadas como práticas discursivas situadas, nas quais se observam operações de seleção, hierarquização e enquadramento da experiência migratória. A leitura comparativa permite identificar como esses relatos organizam a pertença, constroem fronteiras simbólicas entre origem e destino e tornam inteligíveis formas distintas de inserção no espaço social. Assim, mais do

que testemunhos individuais, funcionam como mecanismos de produção e circulação de significados sobre a migração no espaço lusófono.

6. REGIMES DE REPRESENTAÇÃO: COMPARAÇÃO ENTRE TORGA E LEAL

Uma vez discutido o quadro teórico, esta secção sistematiza comparativamente os dois regimes de representação identificados. O objetivo é explicitar como as categorias “alma dividida” e “alma híbrida” organizam modos distintos de narrar a imigração portuguesa no Brasil e de dialogar simbolicamente no espaço lusófono (ver Tabela 1).

DIMENSÃO	“ALMA DIVIDIDA” EM MIGUEL TORGA	“ALMA HÍBRIDA” EM ROBERTO LEAL	INTERPRETAÇÃO
Modo de elaboração narrativa	Interiorização/fratura	Performance/hibridismo	Identidade como prática (Brubaker & Cooper, 2000)
Registo afetivo central	Melancolia e saudade	Reinvenção e visibilidade	Diáspora como posicionamento narrativo (Hall, 2003)
Tratamento do estigma	Interiorizado como trauma	Reconfigurado como autenticidade	Negociação simbólica da diferença (Bhabha, 1994/1998)
Operador narrativo	Cisão subjetiva	Negociação de pertença	Hibridismo e mediação como processos desiguais (García Canclini, 1989/2015)

Tabela 1. Regimes de representação da imigração no Brasil em Miguel Torga e Roberto Leal

Nota. Elaboração própria a partir de Brubaker e Cooper (2000), Hall (2003), Bhabha (1994/1998) e García Canclini (1989/2015).

A comparação evidencia que Torga e Leal não representam polos absolutos, mas formas distintas de elaborar a mesma condição estrutural: a experiência de viver entre referências culturais, afetivas e simbólicas. Ambos registam estigma, deslocamento e desejo de reconhecimento; diferem, contudo, na forma como convertem essa experiência em memória pública. Em Torga, a migração é preservada como uma ferida e uma forma de alargamento interior. A escrita literária legitima a fratura como profundidade existencial e como resistência à integração plena. Em Leal, a migração é convertida em performance e capital simbólico. A cultura de massas permite transformar a diferença em visibilidade, ainda que essa visibilidade permaneça atravessada por estereótipos e hierarquias. Esta comparação reforça a ideia de que a identidade migrante não é um destino fixo nem uma síntese acabada. Ela constitui-se como prática narrativa, situada em campos culturais específicos. A “alma dividida” e a “alma híbrida” são, portanto, menos descrições psicológicas do que regimes de representação: modos de tornar inteligível a experiência migratória e de disputar lugares de pertença no espaço luso-brasileiro.

A Tabela 1 sintetiza essas diferenças analíticas, mas não deve ser lida como oposição rígida. A fratura torguiana contém formas de incorporação do Brasil à identidade, assim como o hibridismo lealiano conserva marcas de sofrimento e deslocamento. O contributo da comparação está justamente em mostrar que a migração produz narrativas distintas conforme os campos culturais disponíveis para a sua expressão: a literatura favorece a interiorização reflexiva; a música popular e os média favorecem a exteriorização performativa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa das memórias de Miguel Torga e Roberto Leal demonstra que a imigração portuguesa no Brasil constitui um campo de criação de subjetividades atravessado por tensões, estigmas e disputas simbólicas. Ao propor as imagens analíticas da “alma dividida” e da “alma híbrida”, o artigo mostrou como dois mediadores culturais, situados em campos distintos, elaboraram formas divergentes de narrar a pertença transnacional.

Em Torga, a migração surge como fratura durável, organizada pela saudade, pela memória da origem e pela impossibilidade de conciliação plena entre Portugal e Brasil. Em Leal, a migração é narrada como reinvenção pública, mediação cultural e performance híbrida. Esta diferença não opõe simplesmente sofrimento e êxito, ou perda e integração; revela antes duas formas de transformar a experiência migratória em linguagem cultural.

A articulação entre as contribuições de Lourenço (1992, 2001), Hall (2003), Bhabha (1994/1998), Brubaker e Cooper (2000) e García Canclini (2010, 1989/2015) permitiu evitar leituras essencialistas da identidade. A identidade migrante foi aqui entendida como uma prática narrativa e cultural, continuamente mobilizada para organizar experiências, reivindicar reconhecimento e negociar posições. A fratura torguiana e o hibridismo lealiano emergem, assim, como construções situadas, moldadas por condições históricas, afetivas, mediáticas e simbólicas.

O artigo contribui para os estudos culturais lusófonos ao questionar retóricas de uma lusofonia harmoniosa. A comparação mostra que a partilha da língua e de referências históricas não elimina hierarquias, estigmas de classe, disputas de autenticidade nem tensões entre reconhecimento e pertença. A lusofonia aparece, antes, como espaço de circulação e tradução cultural, mas também como campo de poder e conflito simbólico.

Reconhecem-se, contudo, limitações no recorte adotado. O estudo concentra-se em duas figuras masculinas, brancas e de projeção pública, não esgotando a diversidade da diáspora portuguesa no Brasil. Essa limitação não invalida o valor analítico do recorte, mas delimita o seu alcance: Torga e Leal são aqui analisados como mediadores culturais de grande visibilidade, e não como representantes sociológicos da totalidade da experiência migrante portuguesa. Investigações futuras poderão ampliar o *corpus* para incluir narrativas femininas, experiências menos visíveis e análises da recepção pública destas memórias, de modo a compreender como fratura, hibridismo e mediação se manifestam em outros contextos pós-coloniais¹.

Em última análise, as memórias de Torga e de Leal revelam que a experiência migratória é simultaneamente vivida, narrada e performada. A identidade transnacional não surge como herança estável, mas como prática em permanente reconstrução, fundamental para compreender as negociações de pertença que atravessam o espaço luso-brasileiro de forma duradoura.

¹ Cabe notar que representações da imigração portuguesa no Brasil a partir de trajetórias femininas foram analisadas antes em Grangeia (2019), tendo por base os relatos autobiográficos de Ruth Escobar e de Leonor Xavier.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece os valiosos comentários dos pareceristas no processo de avaliação deste artigo, bem como o diálogo com participantes do painel “Literary Representations of Migration in Portuguese-Language Literature” na “VII CHAM International Conference: On the Move” (2026), no qual uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada.

REFERÊNCIAS

- Abadia, L., Cabecinhas, R., Macedo, I., & Cunha, L. (2016). Interwoven migration narratives: Identity and social representations in the Lusophone world. *Identities: Global Studies in Culture and Power*, 25(3), 339–357. <https://doi.org/10.1080/1070289X.2016.1244062>
- Baganha, M. I. (2003). Portuguese emigration after World War II. In A. C. Pinto (Ed.), *Contemporary Portugal: Politics, society and culture* (pp. 139–157). Social Science Monographs.
- Bhabha, H. K. (1998). *O local da cultura* (M. Ávila, E. Reis, & G. Gonçalves, Trans.). Editora UFMG. (Trabalho original publicado em 1994)
- Brubaker, R., & Cooper, F. (2000). Beyond “identity”. *Theory and Society*, 29(1), 1–47. <https://doi.org/10.1023/A:1007068714468>
- Costa Leite, J. (2000). O Brasil e a emigração portuguesa (1855–1914). In B. Fausto (Ed.), *Fazer a América: A imigração em massa para a América Latina* (2.ª ed., pp. 177–200). Edusp.
- Gago, D. M. N. (2008). *Imagens do estrangeiro no Diário de Miguel Torga*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- García Canclini, N. (2010). *Consumidores e cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização* (M. Dias & J. Rapp, Trans.). Editora UFRJ.
- García Canclini, N. (2015). *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade* (A. Lessa & H. Cintrão, Trans.). Edusp. (Trabalho original publicado em 1989)
- Grangeia, M. L. (2019). Renascidas no Brasil: Ruth Escobar, Leonor Xavier e a imigração como reinvenção. *Convergência Lusíada*, 30(43), 221–231. <https://doi.org/10.37508/rcl.2019.n42a354>
- Hall, S. (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* (A. Resende, A. Escosteguy, C. Álvares, F. Rudiger, & S. Amaral, Trans.). Editora UFMG; Unesco. (Trabalho original publicado em 2003)
- Leal, R. (1980). Canções do meu país [Canção]. On *Obrigado, Brasil*.
- Leal, R. (2012). *As minhas montanhas: A grande viagem*. Universo dos Livros.
- Leal, R. (2022). Quem somos nós [Canção]. On *Quem somos nós*. Sunset Entretenimento.
- Lobo, E. M. L. (2001). *Imigração portuguesa no Brasil*. Hucitec.
- Lourenço, E. (1992). *O labirinto da saudade: Psicanálise mítica do destino português*. Dom Quixote.
- Lourenço, E. (2001). *A nau de Ícaro e imagem e miragem da lusofonia*. Companhia das Letras.
- “Obrigado Brasil!”: Os grandes sambas na voz de Roberto Leal. (2014, 24 de fevereiro). *A Música Portuguesa*. <https://amusicaportuguesa.blogs.sapo.pt/obrigado-brasil-os-grandes-sambas-na-1271469>

Serrão, J. (1972). *A emigração portuguesa: Sondagem histórica*. Livros Horizonte.

Torga, M. (1996). *A criação do mundo*. Nova Fronteira.

Torga, M. (2016). *Traço de união: Temas portugueses e brasileiros*. Glaciar. (Trabalho original publicado em 1955)

NOTA BIOGRÁFICA

Mario Luis Grangeia é pesquisador associado do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Desigualdade da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É doutor em Sociologia e ex-pesquisador visitante da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Albert Hirschman Centre on Democracy (Suíça) e Centro Nacional de Cultura (Portugal). É autor de *Irmãos de Além-Mar? Portugueses e a Imigração no Brasil* (Editora UFRJ, 2024) e analista de comunicação no Ministério Público Federal do Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9541-0517>

Email: mario.grangeia@gmail.com

Morada: Largo de São Francisco, 1 (sala 412), Centro, Rio de Janeiro – RJ, CEP: 20051-070, Brasil

Submetido: 26/01/2026 | Aceite: 07/05/2026



Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.